

Memória e Construção Identitária: O Centro Universitário Feevale

Claudia Schemes¹
Cristina Ennes da Silva²

RESUMO

Este artigo trata do processo de construção da memória e da identidade do Centro Universitário Feevale, instituição comunitária criada no ano de 1970 através da conjugação de forças da comunidade da cidade e da região. A sua criação teve como objetivo principal sedimentar o desenvolvimento econômico regional através da educação. A construção da identidade institucional, entretanto, não se deu de maneira automática, mas é decorrente de um longo processo no qual estão envolvidos os atores sociais que fizeram ou fazem parte dessa história. Nessa investigação, utilizamos a metodologia de trabalho da história oral, pois, através de depoimentos, podemos perceber como a Instituição está construindo a sua memória e a sua identidade, levando-se em consideração uma multiplicidade de pontos de vista, experiências e memórias individuais.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Identidade. Centro Universitário Feevale. Desenvolvimento Regional. Inovação.

ABSTRACT

This article studies the building process of the memory and identity of Centro Universitário Feevale, communitarian institution created in 1970, through the union of communitarian forces of the city and region. The main objective of its creation was to sediment the regional economic development through education. The

building of an institutional identity, however, didn't happen automatically, but it is the result of a long process, which involves the social actors that were or still are part of such history. In this research we used the oral history method, because with people's statements we could realize how the institution has built its memory and its identity, taking into consideration lots of points of view, experiences e individual memories.

KEYWORDS

Memory. Identity. Centro Universitário Feevale. Regional Development. Innovation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A memória institucional do Centro Universitário Feevale vem sendo pesquisada há alguns anos pelo grupo de pesquisa *Cultura e Memória da Comunidade* desta instituição. Resultaram destas pesquisas um livro sobre a história da ASPEUR (Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo)³ e um livro sobre a Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo – Feevale.⁴

A construção dos caminhos percorridos por esta instituição, as lembranças de seus funcionários (das áreas acadêmica e administrativa) e da comunidade não podem se perder, pois, uma vez que isso ocorra, coloca-se em risco a memória social de toda uma região.

¹ Professora da Feevale. Doutora em História pela PUC/RS. E-mail: claudias@feevale.br.

² Professora da Feevale. Doutora em História pela PUC/RS. E-mail: crisennes@feevale.br.

³ SCHEMES, Claudia e SILVA, Cristina Ennes da. ASPEUR – Uma trajetória comunitária – Memória de seus colaboradores. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

⁴ SCHEMES, Claudia e SILVA, Cristina Ennes da. Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo – Feevale (1970-1999) Novo Hamburgo: Feevale, 2006 (no prelo).

Consideramos a construção da história institucional importante não só para a comunidade na qual está inserida, mas para a própria memória das universidades comunitárias da região sul do Brasil.⁵

Nossa problemática básica, nessa pesquisa, foi identificarmos de que forma o Centro Universitário Feevale foi constituindo sua identidade ao longo dos anos e quais elementos influenciaram essa construção identitária.

Portanto, para essa investigação, utilizamos a metodologia de pesquisa da história oral e a pesquisa de campo qualitativa, através de dois eixos de ação: primeiro, entrevistamos funcionários dos mais diversos setores e hierarquias (reitor, pró-reitores, diretores de instituto, coordenadores de curso que também atuam na docência e atual e ex-presidentes da mantenedora-ASPEUR)⁶; e, num segundo momento, buscamos depoimentos escritos com entrevistas estruturadas e semi-estruturadas de cunho temático⁷. Optamos por reduzir nosso público-alvo a esses funcionários, pois eles estão presentes em diferentes dimensões institucionais: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Além das fontes inerentes à história oral, encontramos, nos relatórios de atividades, documentos, material de propaganda e fotografias disponíveis no acervo da Instituição, material de apoio à pesquisa e análise.

1. IDENTIDADE E MEMÓRIA INSTITUCIONAIS

Ao buscarmos identificar de que forma ocorreu a constituição da identidade do Centro Universitário Feevale ao longo de sua trajetória, bem como os elementos que influenciaram essa constituição, deparamo-nos com a necessidade de compreender e indicar as discussões sobre os significados e as especificidades que compõem a identidade individual ou coletiva.

Assim, partimos do pressuposto de que o conceito de identidade, na atualidade, apresenta uma série de possibilidades de compreensão, não sendo possível, neste momento, indicar uma definição de consenso entre os pesquisadores.⁸ Entre os pesquisadores que trabalham a temática da identidade, destacamos Stuart Hall,⁹ que em seus estudos faz uma retrospectiva da discussão acerca das múltiplas concepções dos conceitos de identidade estabelecidos por diversos autores ao longo do tempo. Ao focar o sujeito, o autor distingue três concepções de identidade.

O sujeito do iluminismo (HALL, 2005, p. 10-11), que possuía uma identidade fixa e estável, este indivíduo era apresentado como totalmente unificado, pois suas capacidades racionais e de consciência eram inatas e permaneciam idênticas e contínuas por toda a sua existência. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa que, neste sentido, não era influenciada por suas ações e relações. O sujeito da concepção sociológica clássica (HALL, 2005, p.11), ao contrário, construía sua identidade a partir da interação de sua essência com a sociedade. A complexidade do mundo moderno em que vivia propiciava um constante diálogo entre este sujeito e os elementos culturais externos a ele, sendo assim, influenciado em sua construção identitária. A terceira concepção do sujeito, enfocada por Hall, abordou a pós-modernidade, na qual percebia o indivíduo, o qual, por suas experiências em uma sociedade fragmentada onde se encontram presentes mudanças estruturais e institucionais, absorvia o contexto vivenciado e o projetava em suas identidades culturais. Este processo produzia um sujeito diferenciado dos de até então observados, pois, no que concerne à construção da identidade, ele “[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. [...]” (Ibidem, p. 12).

⁵ Para o Centro Universitário Feevale: “Ser comunitária tem um significado histórico e carrega a noção de identidade, de responsabilidade coletiva e de cooperação, tanto com a comunidade em que a Feevale está inserida como com as instituições irmãs do Consórcio de Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG, que expressam a mesma finalidade social. O conceito e a experiência comunitários, incorporados em várias universidades gaúchas, têm raízes na história da colonização e na organização social dos imigrantes e seus descendentes. Junto a essas populações, a noção de instituição comunitária passa pela organização da educação como atividade das comunidades e não somente do Estado. É esta Instituição está numa destas regiões cuja etnia hegemônica é justamente a alemã (Novo Hamburgo e São Leopoldo) e se relacione com inúmeros outros municípios com predominância de imigrantes e etnias italiana, polonesa, russa, etc...além dos próprios alemães. O termo comunitário é uma idéia que agrega pessoas e organizações para a viabilização de um projeto comum. A idéia de comum traz o desafio da organização e da regulamentação, da gestão do projeto comum: projeto universitário. Para tanto, estrutura-se uma rede de relações, entre as pessoas e as organizações (públicas, privadas e estatais), da *comunidade regional*, com o compromisso de sustentar politicamente o projeto que está voltado para fins comuns”. (Plano de Desenvolvimento Institucional do Centro Universitário Feevale, 2005, p. 26:27.) A vocação comunitária da instituição já foi amplamente discutida e está presente na obra: SCHEMES, Claudia e SILVA, Cristina Ennes da. *ASPEUR – Uma trajetória comunitária – Memória de seus colaboradores*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

⁶ Todos os pró-reitores, diretores de instituto e coordenadores de curso foram convidados a fazer parte dessa pesquisa, entretanto, nem todos puderam participar no momento solicitado. Foram realizadas 36 entrevistas no total.

⁷ Para este artigo, fizemos um levantamento e sistematização de todos os depoimentos, mas utilizamos apenas alguns a título de exemplificação.

⁸ Entre diversos estudiosos que trabalham com o conceito de identidade e suas inúmeras perspectivas, destacamos: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.; ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005. Em nosso estudo, não nos preocupamos com a discussão final elaborada pelo autor sobre a crise da identidade no contexto da pós-modernidade.

Nessa concepção, a identidade apresenta probabilidades de mutações e surge a possibilidade de articulações variadas do sujeito com o meio e com os outros sujeitos. Assim, os indivíduos passaram a ser vistos como membros integrantes de um grande sistema, sendo que o papel desempenhado por eles, nessa estrutura, sustentava a construção de uma identidade. Nesse contexto, o autor destaca que “[...] Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. [...]” (Ibidem, p.71-72). Nesse sentido, ao conceber a identidade como uma construção simbólica, dá-se a eliminação da possibilidade de dúvida ou mesmo falsidade, pois esse caminho permite a percepção da inexistência de uma única e autêntica identidade.

Outro aspecto que deve ser destacado nesse estudo e que se refere à memória. Ferreira e Orrico (2002) apontam a memória como fator fundante da construção da identidade coletiva e individual, estabelecendo a linguagem como elemento primordial nesse contexto.

[...] se a necessidade de memória é universal, as práticas da memória são culturalmente determinadas por redes discursivas que envolvem fatores de diferentes ordens – míticos, históricos, políticos etc. Na busca das novas ancoragens discutem-se os discursos fundadores das noções e dos grupos sociais, as referências que se estabilizaram no imaginário do grupo e que, de alguma forma, constituem a sua identidade (FERREIRA e ORRICO, 2002, p.8).

Nessa percepção, a linguagem e suas manifestações permitem a identificação do indivíduo como membro pertencente a um grupo social específico. Desta maneira, os significados são elaborados, e são construídas as narrativas e os discursos que irão orientar as ações dos indivíduos na sociedade. A partir destes pressupostos, a memória aparece como fator fundante da construção da identidade, seja ela individual ou coletiva, pois é através dela que os significados são destacados e reorganizados.

No tocante à memória, Catroga¹⁰ destaca a existência de três tipos de memória, conforme destacado no trecho a seguir.

[...] a *proto-memória*, fruto, em boa parte, do *habitus* e da socialização, e fonte dos automatismo do agir que tendem a diluir a distanciação entre o passado e o presente; a *memória propriamente dita*, que enfatiza

a *recordação* e o *reconhecimento*; e a *metamemória*, conceito que define as representações que o indivíduo faz da sua própria memória e o conhecimento que tem e afirma ter desse facto. (sic). [grifo do autor] (CATROGA, 2001, p.43-44)

Partindo desta concepção, observamos a interligação entre as três memórias, sendo que é na metamemória que se tem a construção da memória coletiva ou social, na qual o indivíduo elabora a identidade do grupo em que está inserido. Apesar das dificuldades de indicar-se a memória coletiva com um conjunto homogêneo, concorda-se com o autor quando destaca que “Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do *outro* [...]” [grifo do autor] (Ibidem, p.45). Neste sentido, nosso estudo enfoca a memória a partir de distintos testemunhos que se ancoram uns nos outros e expressam as vivências dos agentes envolvidos no processo de construção da identidade institucional do Centro Universitário Feevale.

Neste contexto, destacamos a abordagem do Hobsbawm sobre o sentido do passado quando indica:

Todo o ser humano tem consciência do passado [...]. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado [...]. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWM, 1998, p.22)

Assim, é na consciência do passado histórico, através da memória expressa pelos colaboradores acerca da trajetória institucional, que buscamos os princípios orientadores que se associaram na construção da identidade do Centro Universitário Feevale.

2. O CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE NA VISÃO DE SEUS COLABORADORES

O Centro Universitário Feevale construiu, ao longo de vários anos, os seus princípios orientadores, que têm como objetivo nortear as ações do grupo de profissionais que atua nas mais diversas áreas da instituição.¹¹ Esses princípios são: a *universalidade*, no qual a FEEVALE, como produtora e difusora de conhecimentos e saberes universais e, comprometida com o bem-comum, procura impulsionar o

¹⁰ Cf. CATROGA, Fernando. Memória e História. p.43:70. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2001. 140p.

¹¹ Conforme Guia Acadêmico do Centro Universitário Feevale-2007, p. 7,8.

desenvolvimento social, buscando a igualdade e respeitando as diferenças; a *ética*, ligada à justiça social, à liberdade de criação, à igualdade de direitos e à democracia; a *excelência*, no ensino, na pesquisa e extensão, como forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a justiça social; a *inserção*, em que o desenvolvimento regional é visto como ponto de partida e de chegada para as ações do centro universitário; a *flexibilidade*, através da qualificação e da atualização constantes para acompanhar as transformações da sociedade; a *integralidade*, pelo comprometimento com a educação integral do homem, respeitando suas particularidades e universalidade; a *autonomia*, legitimada mediante a liberdade para criar, pensar, criticar, aprender, ensinar e produzir conhecimento; e a *diversidade*, com a contribuição para a promoção da equidade social e a valorização da diversidade, considerando a heterogeneidade social, cultural e étnica.

Esses princípios, que tanto aparecerem nos documentos institucionais, quanto na fala de todos os nossos entrevistados, são a base que sustenta o compromisso social da instituição, que é “a produção, desenvolvimento e difusão do conhecimento” e a sua missão busca “a produção do conhecimento, a formação de indivíduos e a democratização do saber, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade” (Ibidem, p. 7).

A identidade institucional, entretanto, não foi criada automaticamente com o surgimento da Feevale, mas vem sendo construída desde a sua criação no início dos anos 1970. Se levarmos em consideração que uma identidade se constrói a partir da presença do outro, da alteridade, entendemos que essa construção esteve intimamente ligada à necessidade da diferenciação da Instituição em relação à Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, que havia sido criada na cidade vizinha, e às universidades públicas da capital do Estado.

Os significados atribuídos à Instituição ao longo do tempo e que foram construindo sua identidade foram resultado do contexto político, econômico, social e cultural da região.

O caráter comunitário foi um dos traços identitários que se consolidou desde a sua criação, em função do próprio esforço da comunidade local para a implantação do ensino superior, que viria a suprir uma demanda importante.

A construção identitária da Feevale, portanto, se deu “[...] em um contexto específico e deve ser pensada em uma perspectiva relacional, ou seja, como resultante das relações sociais que ocorrem no cotidiano dos atores sociais, e não como propriedades intrínsecas compostas por uma essência imutável”.¹²

Além da existência de outras instituições de ensino próximas à Feevale, o crescimento econômico do setor coureiro-calçadista no período e a necessidade de formação de quadros para esse setor foi determinante para definir outro traço identitário da instituição, que é o desenvolvimento regional.

O caráter comunitário e o desenvolvimento regional foram, inicialmente, os aspectos selecionados pelos atores sociais ligados à Instituição que a definiam em contraposição às demais. Em um segundo momento, a questão da inovação passou a ser considerada de fundamental importância para a Instituição, sendo, assim, incorporada como um dos pilares da identidade institucional.

Para compreendermos como se deu a construção da identidade institucional em seus aspectos mais específicos, entrevistamos trinta e seis pessoas, dentre professores, membros da mantenedora, reitoria, pró-reitorias, coordenadores e diretores de institutos que, em um processo avaliativo de seus fazeres específicos, associadas aos fazeres da Instituição como um todo, refletiram sobre os princípios e valores que norteiam as suas ações.

É importante salientar que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não temos como quantificar todas as respostas. A própria natureza da pesquisa não nos possibilita expressar as informações coletadas através de números, mas através da análise que fizemos das respostas dadas aos pesquisadores.

Inicialmente, todos os entrevistados foram questionados sobre a percepção que tinham sobre o Centro Universitário Feevale como uma **instituição inovadora**, e as respostas a esse questionamento foram que a inovação se percebe nas atividades de ensino voltadas para investimentos em novos cursos, com propostas diferenciadas e focadas nas necessidades da região, flexibilização curricular, propostas pedagógicas não-conservadoras, formação contínua de professores, avaliação continuada dos projetos pedagógicos, qualidade de ensino, construção de um projeto pedagógico em que professores e alunos avaliam a melhor maneira de conduzir seus estudos, visando à democratização, à transformação e à transferência do conhecimento.

Para exemplificarmos essa questão, apresentaremos os depoimentos a seguir.

A Feevale apresenta-se inovadora em diversas realizações e naturezas. Diferentemente do que possa parecer, não se trata apenas de inovação tecnológica, o que já não seria pouco. Seu projeto pedagógico também se constitui em

¹² PRAXEDES, Rosângela. Reflexões sobre uma identidade afro-descendente. In: <http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/rpraxedes.htm>.

proposta inovadora à medida que se apresenta complexo e possibilita a materialização das mais variadas formas de ensino-aprendizagem. Essa liberdade de construção faz com que professores e acadêmicos possam avaliar a melhor maneira de conduzir seus estudos. Na mesma direção, importa dizer que a avaliação continuada pressupõe outra postura frente ao processo da aprendizagem: a de (re)avaliar sua evolução sob a perspectiva de que as coisas mudam o tempo todo, portanto também a aprendizagem. Em vez de uma tendência à cristalização de datas e notas, procura-se atentar para a dinamicidade do conhecimento, de sua construção, compreensão e internalização. Assim, a Feevale consegue superar a antiga fórmula das verdades absolutas, sem com isso cair no outro extremo do “vale tudo”.¹³

A Feevale sempre ousou, como poucas instituições de ensino superior o fizeram em nosso Estado. Ela foi e será sempre uma instituição aberta à inovação e à criatividade, sempre pronta para conhecer as melhores e mais inovadoras instituições de ensino do mundo, para poder estar à frente em nosso país.¹⁴

Para os depoentes, a instituição também pode ser considerada inovadora através de suas atividades de pesquisa, tecnologia e inovação, como: investimentos em novas tecnologias, ousadia dos projetos desenvolvidos, instalações modernas, laboratórios com equipamentos de última geração, criação de parques tecnológicos e incubadoras, criação do *Museu Nacional do Calçado*, do *Centro de Design*, serviços *on-line* (Gerenciamento Eletrônico de Apostilas, Diário Eletrônico), missões ao exterior, programas de cooperação nacional e internacional, produção científica e tecnológica voltada para necessidades sociais, inclusão social. As atividades de extensão também foram lembradas através dos projetos que envolvem as demandas regionais e a relação com o mercado.

A questão da inovação na gestão também foi mencionada como fundamental para a Instituição, entretanto, o depoente chama a atenção para fato de que esse tipo de gestão não vem sendo praticado por todos os setores do centro universitário, tendo em vista que há uma dificuldade de percepção do que é, na prática, uma gestão inovadora.

Nós temos que separar a questão da inovação em dois momentos: primeiro a Feevale buscou produtos inovadores, e eu acho que neste aspecto nós conseguimos, pois criamos cursos realmente inéditos e conseguimos fazer alguns projetos pedagógicos de forma inovadora. Então, nesse primeiro momento nós trouxemos a inovação como conceito de produto, apresentamos um leque de opções, tanto interna como externamente, trazendo o produto como inovação. Num segundo momento eu acho que nós trocamos o foco da inovação, pois passamos a tentar fazer uma gestão por inovação. Nesse momento as coisas modificam totalmente porque isso não é perceptível, nem praticado de uma forma geral. Dessa forma, nós temos dentro da própria instituição algumas dificuldades, tanto de entendimento do conceito de inovação ou da percepção de inovação, quanto da própria prática de gestão pela inovação, ou seja, a inovação permeia toda a instituição, mas não na mesma velocidade. Eu acho que em alguns setores, cursos e institutos a gestão por inovação avançou mais, já em outros, ainda permanecem a tentativa da inovação através de produto.¹⁵

O crescimento estrutural do *campus* universitário, a relação de proximidade entre acadêmicos, diretores, pró-reitores e a proposta do Projeto Universidade, que vai dar prospecção e autonomia à Instituição, foram outros pontos abordados como inovadores.

A percepção da Feevale como Instituição inovadora decorreu da própria percepção dos nossos colaboradores, que começaram a trazer esta questão da inovação como estando presente em grande parte das ações que nós realizamos. Então esta foi uma constatação da nossa comunidade [...] que apareceu muito forte no nosso planejamento estratégico. Então nós começamos a partir desta percepção a aprofundar o conceito de inovação e hoje todos os colaboradores tem isso em mente, tanto é que está presente na nossa visão ser uma universidade inovadora, ou seja, uma universidade em que esteja sempre presente a inovação em todos os sentidos, tanto do ponto de vista dos processos internos quanto do apoio a ações inovadoras também na nossa região.¹⁶

¹³ Depoimento de Rudimar Baldissera, ex-coordenador do curso de Turismo do Centro Universitário Feevale. Agosto de 2006.

¹⁴ Depoimento de Antônio Nery Martins, ex-Reitor do Centro Universitário Feevale. Agosto de 2006.

¹⁵ Depoimento de Luiz Fernando Framil Fernandes, ex-Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários do Centro Universitário Feevale. Outubro de 2005.

¹⁶ Depoimento de Cleber Cristiano Prodanov, Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação do Centro Universitário Feevale. Agosto de 2006.

Com relação ao **desenvolvimento regional**, os entrevistados entendem que este se dá através da parceria e integração da instituição de ensino com a sociedade civil, os poderes públicos e o setor produtivo, através das seguintes ações: propostas de cursos e formação de profissionais a partir das demandas da comunidade e características regionais; oferta de eventos, cursos de extensão, seminários, intercâmbios; ações localizadas como: *NH no seu bairro*, *Ação global*, *Parque Tecnológico*, *Projeto Pescar*, *Incubadora Tecnológica*; inserção do acadêmico no mercado de trabalho desde o início do curso; indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; conexão com o perfil comunitário e vocação filantrópica; comprometimento com valores sociais, éticos e ecológicos com intervenções técnicas.

A atuação do centro universitário para o desenvolvimento regional é destacada por todos os entrevistados, entretanto, alguns problemas são colocados, como a necessidade de intensificar projetos nessa área ligados à pesquisa e à extensão, como podemos ver no depoimento a seguir.

Nós hoje não atendemos só Novo Hamburgo, nós atendemos aproximadamente quarenta municípios, não só através da oferta do ensino, mas também da pesquisa, de projetos de extensão, de parcerias com as prefeituras e entidades, ou seja, estamos enraizados na região e nos relacionamos com ela. A nossa carteira de convênios e de projetos está centrada nas organizações e nas instituições do Vale do Sinos, do Paranhana e do Cai.[...] Por outro lado acho que temos um caminho ainda a percorrer, que é um caminho que precisa ser intensificado nos nossos programas, principalmente de extensão e de pesquisa, no sentido deles se aproximarem ainda mais das demandas regionais. [...] a Feevale reconhece esse compromisso, esse enraizamento com a região e também coloca isso como um trabalho a ser aprimorado e desenvolvido, ou seja, continuará enfatizando e priorizando as demandas da região em todos os seus cursos, pesquisas e também nas suas ações com a comunidade.¹⁷

Percebemos que o compromisso da Instituição com o seu entorno vem se consolidando nos últimos anos, suas intervenções e parcerias mostram que a

comunidade a respeita e reconhece sua competência e a seriedade de suas ações.

[...] A Instituição sempre procura se envolver em movimentos que buscam melhorias e desenvolvimento regional e também em projetos sociais, de cunho comunitário, cultural ou econômico, implantados na região. As atividades, muitas desenvolvidas em parceria com outras organizações, têm se expandido, estando profundamente vinculadas aos espaços e movimentos sociais e comprometidas com os direitos de cidadania para além da perspectiva assistencialista.¹⁸

Esses elementos constitutivos da identidade do Centro Universitário Feevale foram internalizados e a atribuição de significados a esses elementos se deu através das experiências dos profissionais que atuam ou atuaram na Instituição, como podemos observar nas falas de alguns deles.

Administrada e dirigida, quase em sua totalidade, por ex-alunos, a trajetória da Feevale está relacionada à determinação e competência de pessoas que acreditam que, através da educação, num processo de construção coletiva, pode-se contribuir para o desenvolvimento regional.

Os projetos que já se realizaram, bem como os que deverão se realizar, [...] tiveram início com o trabalho e a coragem dos que nós antecederam, que iniciaram a história da instituição há mais de três décadas. Desenvolver competências, capacitar recursos humanos, ampliar horizontes, buscar alternativas, avançar no conhecimento é a finalidade institucional.

A cooperação entre a instituição e a comunidade está baseada nas relações de reciprocidade. Aplicando o conhecimento para o avanço tecnológico, reafirmando continuamente os princípios e a vocação, também, no envolvimento com o social e a solidariedade, procurando oferecer não só um ensino de qualidade, mas oportunidades para que todos possam crescer como ser humano.¹⁹

O caráter comunitário da Instituição é um dos elementos identitários que permeou todos depoimentos

¹⁷ Depoimento de Gabriel Gabrowski, Diretor do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes do Centro Universitário Feevale; Agosto de 2006.

¹⁸ Depoimento de Argemi Machado de Oliveira, Presidente da Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR; Agosto de 2006.

¹⁹ Depoimento de Francisco Assis Stürmer, ex-Presidente da Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR; Agosto de 2006.

por nós reunidos. Acreditamos que isso se deva ao fato de o Centro Universitário Feevale ter nascido de uma iniciativa da comunidade e ser mantido por ela até hoje. Segundo os depoentes, todas as suas ações têm o comprometimento comunitário como meta.

[...] O compromisso com a comunidade se assegura pelo rigor das práticas de gestão, buscando a sustentabilidade, a igualdade, a transparência e a atitude ética em todas as relações e a contribuição para o desenvolvimento da região em todos os seus aspectos. A interlocução com os diversos públicos são aspectos da participação de todos, pois a Instituição é a soma de todas as partes e se consolida e vivifica a partir de uma construção coletiva. [...]²⁰

A identidade é formada a partir da visão que a Instituição tem dela mesma e da visão que a comunidade que não está diretamente vinculada a ela lhe atribui. Dentro dessa perspectiva, fica-nos claro que o Centro Universitário Feevale consolidou-se na região como uma instituição com caráter diferenciado das demais universidades, ou seja, é uma instituição comunitária, fortemente comprometida com o desenvolvimento regional e com características inovadoras em todos os campos de atuação.

Não pretendemos, com essa investigação, incorrer em um absolutismo conclusivo, ou seja, consideramos que a identidade apresenta possibilidades de mudanças de acordo com as articulações variadas do sujeito com o meio, e elas não são únicas, mas plurais. Entretanto, os depoimentos reunidos ao longo de nossa pesquisa nos permitiram identificar os indivíduos ligados ao Centro Universitário Feevale como membros pertencentes a um grupo social específico e que, através de suas narrativas e seus discursos, elaboraram um olhar com significados que irão orientar as ações dos indivíduos que atuam ou atuarão na Instituição.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CATROGA, Fernando. **Memória e História**. p.43:70. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2001. 140p.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FERREIRA, Lucia; e ORRICO, Evelyn. (orgs). **Linguagem, identidade e memória social**. Novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org). **Usos & Abusos da História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Humanitas. 2002.
- GUIA Acadêmico do Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22.
- JORNAL DA FEEVALE, Novo Hamburgo: ano IV, n. 32, abr 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PRAXEDES, Rosângela. **Reflexões sobre uma identidade afro-descendente**. In: <http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/rrpraxede s.htm>.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: **A Escrita da História- Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. **História Oral**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- Depoimentos:
- BALDISSERA, R. Rudimar Baldissera: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.
- FERNANDES, L.F.F. Luiz Fernando Framil: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.

²⁰ Depoimento de Ramon Fernando da Cunha, Reitor do Centro Universitário Feevale. In: Jornal da Feevale, ano IV, n.32, abr 2007. p. 2

GABROWSKI, G. Gabriel Gabrowski: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.

MARTINS, A.N. Antônio Nery Martins: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.

OLIVEIRA, A.M. Argemi Machado de Oliveira: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes

e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.

PRODANOV, C.C. Cleber Cristiano Prodanov: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.

STÜRMER, F.A. Francisco Assis Stürmer: depoimento [mar.2006]. Entrevistadoras: C. Schemes e C. Ennes. Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida ao projeto Memória Institucional.